

Ser mãe e esposa: gênero e subjetividades nas cartas de Elza Bertaso para sua mãe (1925 -1929)

Being a mother and wife: gender and subjectivities in Elza Bertaso's letters to her
mother (1925 -1929)

Isabel Schapuis Wendling¹

Resumo

Este artigo discute a construção da subjetividade e as relações de gênero presentes na escrita epistolar de uma mulher de elite do Sul do Brasil. Trata-se de cartas enviadas pela jovem Elza Bertaso aos pais entre os anos 1925 e 1929. Elza morou em Chapecó-SC no ano de 1924 quando solteira e, ao se casar com Paulo Pasquali, passa a viver em Bento Gonçalves-RS, onde moravam também com os sogros. De lá enviava cartas para os pais, nelas abordava assuntos do dia a dia de sua vida como esposa e dona de casa. Nessas cartas pode-se perceber as tensões entre a construção de uma subjetividade feminina e a adaptação aos papéis sociais e de gênero esperados.

Palavras-Chave: Escrita de Si. Cartas. Gênero. Subjetividades. Família Bertaso.

Abstract

This article discusses the construction of subjectivity and the gender relations visible in the epistolary writing of a elite woman in South Brazil. The article is concerned with letters sent by the young Elza Bertaso to her parents between 1925 and 1929. Elza lived in Chapeco-SC in 1924 when single. After her wedding with Paulo Pasquali, she moved with him to Bento Gonçalves-RS, where her parents in law lived. From there she sent letters to her parents. Addressed daily subject from her new life as wife and housewife. In these letters we can notice the tensions between the construction of a feminin subjectivity and her adaptation to the expected social and gender roles.

Keywords: Letters; writings of oneself; subjeetctivity; family Bertaso.

¹ Graduada em História pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS); mestranda do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Contato: isabel.wendling@live.com.

Introdução

Elza Bertaso nasceu no Rio Grande do Sul no ano de 1905. Era filha de Ernesto e Zenaide Bertaso. Seu pai, Ernesto, era imigrante italiano e chegou ao Brasil com apenas 8 anos de idade junto de seus pais, avós de Elza. Depois de casados, Ernesto e Zenaide moraram boa parte da vida em Bento Gonçalves- RS, onde tiveram a primeira filha, Elza e, depois, mais três meninos: Serafim, Jayme e Nilo. Ernesto Bertaso foi por muitos anos caixeiro viajante, mas no ano de 1918 fundou, junto de seus sócios Manoel Passos Maia e Agilberto Attilio Maia, a empresa colonizadora Bertaso, Maya & Cia. “Em 21 de novembro de 1923, houve alteração e dissolução da firma Bertaso, Maia & Cia., ficando o sócio Ernesto F. Bertaso com todo o ativo e bens da sociedade, que passou a denominar-se Empresa Colonizadora Bertaso S/A.” (VICENZI, 2006, p.304). Essa empresa foi responsável pelo processo de “limpeza” (expulsão de moradores anteriores como indígenas e caboclos), e venda das terras da região de Chapecó para as famílias de imigrantes. A família Bertaso, que inicialmente era pouco conhecida, passou a crescer financeiramente e a acumular também capital social e cultural. Atualmente, na cidade de Chapecó-SC é possível encontrar estátuas e centros de memória que remetem ao colonizador Ernesto Bertaso e ao filho Serafim Bertaso, que se tornou prefeito da cidade.

Desde muito jovem, Elza Bertaso escrevia à sua mãe, pois quando criança e adolescente estudou em colégios internos, longe de casa. A única forma de comunicação com a família, quando não estava com ela, era por meio de cartas, pois mesmo o telefone existindo já na infância de Elza, o custo da ligação era muito alto

além da demora para se completar uma ligação. Dessa forma, o telefone era utilizado por poucos em situações específicas. Suas primeiras cartas conservadas datam de 1914, quando tinha apenas 9 anos de idade. A partir de 1915, Elza vai para o colégio Nossa Senhora do Bom Conselho em Porto Alegre e de lá suas cartas mudam de formato: a letra melhora, não há mais rasura, o espaço do papel é melhor utilizado. Também é visível um acompanhamento do internato na escrita dessas cartas. É uma escrita que passou por diversos tipos de vigilância, sejam por parte da escola, das freiras e das professoras, seja em casa pela mãe e pelo pai. As cartas de Elza para a família eram escritas com grande cuidado e atenção para que pudessem ser bem recebidas por seus destinatários. Em 1919 Elza é mandada para o colégio Nossa Senhora de Sion em Curitiba-PR, e em 1920 vai para São Paulo, ainda no colégio Nossa Senhora de Sion, aonde permanece até sua formatura, em 1923.

Logo que finaliza seus estudos nos colégios internos, Elza volta a morar com os pais em Passo Fundo-RS e começa a namorar o jovem Paulo Pasquali que morava em Bento Gonçalves. Em 1925, Elza se casa com ele e o casal passa a viver na cidade de Paulo, junto de seus pais. Elza então volta a remeter diversas cartas a sua mãe e nelas relata seu novo cotidiano como esposa e dona de casa. Apesar de não passar mais pela vigilância explícita, Elza ainda se atenta aos antigos padrões de escrita e aos padrões de conduta, provavelmente devido ao processo de autorregulação e aos padrões sociais que exigiam sua família.²

² As informações utilizadas neste artigo foram extraídas do meu Trabalho de Conclusão de Curso da Graduação em História, no qual se buscou perceber, nas práticas de escrita infantil de Elza e Serafim Bertaso, a mudança na forma de escrita de cartas entre os irmãos apenas após alguns anos estudando

Neste texto abordo as cartas enviadas por Elza à sua mãe no período de 1925 até o ano de 1930, quando passa a morar com seu marido Paulo Pasquali. Nessas cartas, busco perceber na “escrita de si” desta jovem as expressões da subjetividade e a construção e efetivação de seu papel social e de gênero enquanto esposa e mãe. Portanto, será possível perceber em alguns momentos deste texto um retorno aos processos educacionais pelos quais passou Elza, além de entender o contexto social em que se inseria sua família, para assim compreender os processos de subjetivação e sujeição à determinados padrões, normas por Elza. Compreende-se como escrita de si a “escrita do eu”, auto referencial. Segundo Teresa Malatian (2015, p. 195) é uma escrita em primeira pessoa, na qual o autor reflete sobre suas experiências de vida, expressa sua visão sobre sua história e o mundo. Ângela de Castro Gomes afirma (2004, p.13) que as “práticas de escrita de si podem evidenciar, assim, com muita clareza, como uma trajetória individual tem um percurso que se altera ao longo do tempo, que decorre por sucessão”.

Como forma de investir na ascensão social e na reprodução de capital cultural,³ a família Bertaso, especialmente Ernesto e Zenaide, investiram na educação de seus filhos. Para tanto, um colégio público ou étnico não poderia ser suficiente para integrar

em colégios internos, depois de terem passado por uma educação formadora direcionada aos sexos feminino e masculino. Ver: Wendling (2018)

³ Capital cultural segundo os preceitos de Pierre Bourdieu e aqui assumidos, é o capital que diferente do financeiro faz parte do sujeito, mas que demanda tempo para adquirir (um tempo limitado ao tempo biológico), esse capital muitas vezes adquirido por meio da educação formal nas escolas e é determinado pelo capital financeiro; como capital simbólico não pode ser herdado, mas que dentro de um grupo familiar pode ser transmitido ou incorporado entre os sujeitos durante o tempo de relação entre eles. Ver: Bourdieu (1979).

toda a educação necessária que uma família de elite prezasse, pois como uma família de comerciantes que precisava ter boa fluência na língua portuguesa, além de um certo *habitus* que os inserisse dentro das elites do período. Logo, considerando sua confissão religiosa católica, os colégios internos pareciam oferecer uma educação ideal para aqueles propósitos. Pois como pudemos ver, após passar os anos de 1915 até 1923 estudando retorna a casa de seus pais e engata um relacionamento com Paulo com quem casa um ano após voltar pra casa, em 1925 e passa viver enquanto esposa em Bento Gonçalves-RS.

A família Pasquali de origem austríaca comercializava joias na Itália, vieram à América como agricultores, chegou ao Brasil em 1886.⁴ Uma família rica que se instalou na região de Bento Gonçalves, mantendo-se ali por várias gerações, responsáveis pela construção de uma queijaria, cantina de vinho, hotel, diligência e casa de comércio e joalheria. O pai de Paulo Pasquali foi quem herdou o hotel, a queijaria e construiu uma vinícola (HIRSCH, 2005, p.79). A origem social e econômica do futuro marido de Elza também revela a importância do casamento na reprodução de capitais de ambas as famílias.

As cartas utilizadas nesta pesquisa estão disponíveis no acervo do Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina (CEOM), localizado em Chapecó-SC.⁵ No acervo da família Bertaso, no qual estão presentes as cartas, há 722 documentos,

⁴ Informações essas encontradas no livro biográfico sobre Ernesto Berto escrito pela filha de Elza e Paulo: Maria Adelaide Pasquali Hirsh, livro sem fins acadêmicos que exalta de forma clara o percurso de Ernesto Bertaso, avô da autora.

⁵ Para mais informações sobre o CEOM, vide <https://www.unochapeco.edu.br/ceom>. Acesso em: 09 fev. 2020.

contando com cartas de Elza, Serafim, Jayme, Plínio e Ernesto Bertaso; boletins escolares; cartões postais; documentos pessoais e contratos de terras. Não se tem um registro ideal sobre as condições da seleção e doação dos documentos. Contudo, é possível crer que são resultado de uma seleção de documentos guardados por Zenaide Bertaso. O arquivo ainda não está disponibilizado no site do centro, mas o acesso físico é facilitado para pesquisadores interessados no assunto.

A arte de escrever cartas: subjetividades e intersubjetividades

Escrever cartas nem sempre fez parte do cotidiano das mulheres. Longe disso, por muito tempo escrever era uma atividade mais comum entre homens, que recebiam uma alfabetização mais completa e aos quais era permitido opinar e expressar-se pela escrita e/ou fala. Ao pesquisar as práticas da escrita no Ocidente, especialmente na Europa, Roger Chartier (2009, p.118) notou que “mais ainda que para os homens, as taxas de assinaturas de mulheres não podem indicar, portanto, a porcentagem de ‘leitoras’ do Antigo Regime, pois muitas nunca aprenderam a escrever — e isso não se restringe aos meios populares.” Isso ocorria, pois muitas vezes as mulheres eram ensinadas somente a escrever o próprio nome e a ler.

Contudo, a partir do século XIX, com o aumento e difusão da educação, as mulheres passam a ter mais acesso à alfabetização e a escrita epistolar passa cada dia mais a fazer parte do cotidiano, tornando-se uma prática mais comum também às mulheres, especialmente mulheres de elite. Não somente por terem acesso à escrita, mas por conta de sua função dentro do ambiente familiar, a escrita íntima, tais como

aquelas presentes em cartas e diários, se tornou um espaço de escrita muito ocupado pelas mulheres. A professora de literatura francesa Brigitte Diaz (2016, p. 26-27), que analisou as cartas de mulheres enviadas para um jornal, afirma que “para as muitas mulheres ‘comuns’, o gênero epistolar permanecerá a única tribuna acessível, a meio caminho entre o espaço fechado da família, no qual estão confinadas, e a cena pública onde a tomada da palavra ainda lhes é proibida”.

Para além de um meio de comunicação, as cartas também faziam parte de um cotidiano de autorreflexão, de cuidado de si. Este fato possibilita aos estudos humanísticos diversas possibilidades de análise, tanto sobre as relações e práticas de escrita, quanto a produção de subjetividades. Antônio Castillo Gómez afirma que as cartas não serviam apenas para transmitir ideias e pensamentos, mas também para relatar vivências íntimas, pessoais e até mundanas, sendo “a comunicação epistolar uma das manifestações mais evidentes de escritura subjetivo e existencial” (GÓMEZ, 2002, p.18). Na escrita epistolar, entendida enquanto experiência da subjetividade, o sujeito encontra espaço para expor e visualizar uma autorreflexão.

Entretanto, o conteúdo de uma carta não possui um olhar neutro ou imparcial sobre qualquer assunto, pois no ato de escrever cartas o sujeito que a escreve tem em mente um destinatário e, mesmo que faça uma reflexão sobre si, na escrita essa reflexão se apresentará de determinada forma, exaltando ou suprimindo certas informações, pois o autor já imagina uma reação e recepção de seu leitor. Quanto mais os correspondentes se conhecem pessoalmente, melhor conseguem imaginar a troca de cartas como uma conversa próxima. Antonio Castillo Gómez (2002, p.23)

entende isso como a inter - personalidade imaginada, que seria essa capacidade do autor de imaginar, por meio da lembrança das experiências vividas, o seu leitor na hora da escrita como quando numa conversa que ocorreu quando estavam juntos. É claro, essa relação não depende apenas de conhecer o leitor/correspondente pessoalmente, mas de manter vivo o pacto epistolar que pode ser entendido como a relação de troca de correspondências. Para manter o pacto, o passo primordial é responder a carta.

Assim, as cartas não podem ser vistas como documentos sobre a “verdade total”, pois mesmo escrevendo sobre si, o autor da carta se molda conforme deseja que seu destinatário lhe veja. Isso se observa não somente no que se escreve sobre si, mas também na apresentação dos assuntos, na presença ou não de rasuras, na expressão de sentimentos ou mesmo no modelo de envelope no qual se coloca o papel. O que passa a importar para o historiador é exatamente a ótica assumida pelo registro e como seu autor a expressa. Para Castro Gomes (2004, p. 15), “o documento não trata de ‘dizer o que houve’, mas de dizer o que o autor diz que viu, sentiu e experimentou, retrospectivamente, em relação a um acontecimento”. Assim, é evidente que não se pode tomar como verdade absoluta o que Elza (ou qualquer outro sujeito) escreveu em suas cartas, é necessário ter em mente que ela escreveu pensando em outra pessoa e que ela pode ter excluído ou amenizado situações. Pensar sua subjetividade nesse ponto é pensar sobre como Elza se colocava nas cartas diante de sua mãe, como as cartas podem, então, representar parte ou um momento da existência subjetiva de Elza. O historiador Benito Bisso Schmid (2012,

p.87) entende que a subjetividade é “o resultado de múltiplos percursos históricos que convergiram, não sem tensões, para a fabricação do indivíduo moderno, aquele que ‘possui’ uma determinada subjetividade.” São nas relações, nos discursos, que o indivíduo forma sua subjetividade, mas ela nunca está pronta e nem mesmo é única.

Elza, uma moça branca que veio de uma família de classe média alta, que ao longo dos anos ascendeu a elite no oeste Catarinense, teve a oportunidade de estudar em bons colégios durante os anos de 1915 a 1923 (dos 9 aos 18 anos). Os colégios por quais passou foram de regime interno, católicos e de educação feminina. É evidente que essa educação direcionada ajudou a influenciar também a expressão de sua escrita de si. O psicanalista Sérvulo Figueira (1987), que refletiu sobre as relações das famílias de classe média brasileira, notou que muitas delas vivem com costumes modernos e arcaicos ao mesmo tempo. Outrossim, afirma que, apesar do mundo dos objetos ser claramente “moderno”, os sujeitos demonstram uma relação diferente, ou seja, o processo de transição dos costumes modernos para os sujeitos é mais lenta do que a teoria mostra, ou mesmo, do que os objetos demonstram. Para ele, sujeito é “o agente socializado que sofre a ação de regras transindividuais, mas que é dotado de uma subjetividade que, nos dramas de mudança social em famílias de classe média, ocupa o centro do palco” (FIGUEIRA, 1987, p.14). Diferente da noção de indivíduo, o sujeito não deixa de ser único, mas sofre e se produz dentro de uma sociedade e com determinadas regras, seguindo ou fugindo delas da forma que se posiciona sua subjetividade.

Assim, é possível entender que Elza cresceu dentro de um contexto familiar tradicional patriarcal e, esse mesmo modelo, acaba constituindo também a família na qual ela constrói ao se casar com Paulo Pasquali. Não obstante, dentro do modelo educacional que Elza passou na infância (regime interno, em colégio católico feminino), é necessário refletir igualmente sobre suas sujeições a tal sistema, o cuidado de si na escrita e também nos modos de ser e agir, pois mesmo que educada de determinada forma, Elza precisaria se identificar em certos pontos com tal sistema de regras indicado pela escola. Como constatou a historiadora Maria Teresa dos Santos Cunha (2013, p.120), enquanto “objetos materiais, recheados de práticas culturais de uma época, as cartas trazem marcas da modelização de práticas de escritas escolares”.

Nas cartas de Elza à família, pode-se notar o cuidado dela em apresentar as características femininas de “boa moça”, “boa esposa” e “mãe”, visando o respeito e aceitação de suas escolhas e ações, conforme as condutas esperadas na família patriarcal. Em relação à sujeição moral, o filósofo Michel Foucault (1998, p. 27) afirma que os sujeitos dentro de uma mesma moral podem interpretar e agir de diferentes formas: “[as] diferenças podem, assim, dizer respeito ao modo de sujeição, isto é, à maneira pela qual o indivíduo estabelece sua relação com essa regra e se reconhece como ligado à obrigação de pô-la em prática.”. Elza quando adulta tem espaço para demonstrar suas formas de sujeição e subjetivação ao sistema, mesmo que por ter passado por uma educação mais ou menos rígida ela se torna dona de casa, mãe e esposa de um marido também das elites locais, mas de maneira própria.

Como dito anteriormente, escrever cartas, para Elza, fez parte de seu cotidiano desde criança, isso devido à sua classe social e educação. Quando menina foi ensinada para ela a maneira correta de cumprimentar seu correspondente; de iniciar um assunto e finalizá-lo; de utilizar o papel da carta; quais assuntos abordar; e, como não deixar a carta entediante.

O Casamento

Quando adulta e casada, em Bento Gonçalves, Elza passa a escrever para sua mãe que morava nesse momento em Chapecó. Todavia, essas cartas mudaram em relação às cartas enviadas quando criança. As cartas, antes curtas, agora são mais extensas, preenchidas por novidades diferentes relativa ao cotidiano doméstico, sobre os parentes que moram próximos do recém-casal, ou mesmo sobre como anda a vida de casada, com seu marido e sogros.

Ao se casar, Elza encontra uma nova rotina de vida, que antes era preenchida com estudos e atividades do colégio, trabalho junto das freiras e controle institucional e também por parte dos pais. Agora ela é responsável pela sua própria casa e cuidado com o marido. Com apenas alguns meses morando com seu esposo, Elza escreveu à mãe em 06 de maio de 1925: “Quanto a mim, vou muito bem e sou muito feliz. Dia 4 comecei a cozinhar, o Paulo me ajuda, enxuga os pratos, esfrega o fogão, ...vês que não tenho muito trabalho.” Dia 23 escreve: “Querias vêr meus banquetes? Ficarias espantada; 6 dias por semana vamos comer em casa da sogra. Não penses que seja abusar porque é ella que vem nos convidar e bem sabes que convites desses é

preciso aceitar...”. Nesses curtos trechos é possível perceber o início de uma rotina diferente, a qual Elza ainda estava se acostumando.

Por não estar junto com a família, as cartas se tornam uma “maneira de se apresentar ao correspondente no decorrer da vida cotidiana” (FOUCAULT, 1992, p. 9). Há também uma tentativa de justificar à sua mãe o porquê de não cozinhar muito, pois ela e seu marido ainda almoçavam a maior parte dos dias da semana na casa da sogra. Há então uma preocupação em manter um bom relacionamento com esta. Como expressa no “bem sabes”, parte de uma convenção social que cuida para não recusar convites, principalmente aqueles vindos da sogra. Dessa forma se torna visível que, mesmo na vida adulta, Elza ainda passa por certo controle social, reforçada pela mãe, pela família e por seu marido.

É possível perceber a dificuldade de Elza com atividades de dona de casa, para as quais ela expressa nas cartas contar com a ajuda do marido e da sogra. Ela também faz referência à falta de tempo para bordar, colocando que mesmo que tenha vontade de fazer atividades manuais, não vai trocar por suas tarefas cotidianas obrigatórias, colocando claramente a atividade de autocontrole que pratica todos os dias. Nesse aspecto, Marina Maluf e Maria Lúcia Mott, em *Recônditos do mundo feminino*, publicado num dos volumes do livro *História da Vida privada no Brasil* (1998), afirmaram que no início do século XX (e ainda muito tempo depois), se esperava da mulher a capacidade organizacional da casa. Elas deveriam saber utilizar seu tempo para limpar, passar roupas, lavar louça (MALUF; MOTT, 1998, p. 406):

Daí a necessidade de ter método, organizar bem as atividades a se realizar no dia-a-dia, aproveitar o tempo e, mais do que isso, fazer uma ‘administração científica’ das tarefas a se desempenhar, para que as coisas não fossem feitas de atropelo, evitando-se, assim, o tão temido mau-humor.

Não que Elza não fosse uma “ótima” esposa ou dona de casa, pois, por ser recém-casada, poderia estar apenas passando por um período de adaptação, permitindo-se que houvesse alguns desvios do que *se esperava dela naquele momento*.⁶ Ou, esse jovem casal já estaria se modernizando e trazendo a divisão dos trabalhos da casa? Muito pouco provável.

Elza não expressa somente suas funções sociais enquanto mulher ou ainda o que se espera dela na função de esposa. Ela entende as cartas como espaço para expressar seus sentimentos e vivências e também escreve sobre família e vizinhos, sobre como eles vão e as novidades sobre eles. Geneviève Haroche-Bouzinac (2016, p.56) afirma que algumas cartas de família acabavam possuindo esse caráter de informar e dar notícias sobre todos os membros do grupo, a carta assim toma o papel de jornal. Suas cartas, que já não são as mais longas, pouco expressam exatamente o que trata sobre uma escrita de si. Mas em compensação, suas páginas estão repletas de nomes sobre os quais conta as novidades da família e vizinhos, à exemplo da forma como começa uma carta datada de 23 de maio de 1925:

Querida Mamãe

⁶ Segundo a leitura de Judith Revel (2005, p.75) sobre Foucault, resistência “trata-se de descrever a maneira pela qual o indivíduo singular, por meio de um procedimento que é, em geral, de escritura, conseguiu, de maneira voluntária ou fortuita, ‘escapar’ dos dispositivos de identificação, de classificação e de normalização do discurso.” Mas que também emprega que não é “fundamentalmente contra o poder que nascem as lutas, mas contra certos efeitos de poder, contra certos estados de dominação, num espaço que foi, paradoxalmente, aberto pelas relações de poder.”

Depois de 8 dias chegou-me afinal tua cartinha. Eu continuo muito bem; Paulo já melhorou da dôr de dentes. Uma novidade: Tio Olinto vae abrir gabinete; por esses dias irá a Porto Alegre comprar os ferros e já tem muitos clientes que estão a espera.

Tio Alderico pediu demissão do emprego e vae mudar para P. Alegre. Imagina: terminou a casa esses dias e dizem que ficou muito bonita (não vi porque elles ainda não vieram me visitar) mas infelizmente encareceu com os patrões. Vovô também já terminou a casa e vae alugar para a phonographia e parece-me que tia Ida também vae se empregar lá.

Vovó está só a espera de uma ocasião para ir a P. Fundo, mas quer ir de trem porque diz que nunca mais viajará de auto.

A continuação na carta é o trecho citado anteriormente em que Elza fala que almoça seis vezes por semana na casa da sogra, mas depois disso Elza cita mais pessoas e acontecimentos. Poucas linhas são destinadas a si própria. Como pensar uma escrita de si nesse caso? Proponho pensar na educação familiar e escolar que Elza recebeu a vida toda, pois acredito que esses poucos espaços de autorreflexão provêm de uma educação indicava essa escrita como negativa ou fútil, entediante.

Desde suas cartas que enviava em 1918, ainda adolescente, vários nomes, como os citados na carta de 1925, já apareciam. Elza aprendeu a buscar, nas cartas à sua mãe, assuntos que as aproximava, pois ela mesma escrevia não ter muitas novidades. Elza passou 9 anos em colégios internos, cursou matérias como língua portuguesa, matemática, história e geografia, mas teve também cursos como bordado, costura, postura, línguas estrangeiras, civilidade, ensino religioso (cristão), etc. Sua rotina era sempre muito semelhante. As poucas exceções, como saídas a passeio, apareciam periodicamente nas cartas, mas, até mesmo nesses momentos Elza não se mantinha muito tempo no assunto. Ou seja, ela aprendeu a escrever dentro de um

padrão mais ou menos rígido em que sua subjetividade aparecia muito moldada à rotina vivida naquelas instituições. Nesse sentido, podemos nos apropriar de Foucault que em seu livro *O que é um autor?* reflete sobre a escrita de si. O autor afirma que escrever cartas é um “dar-se a ver”, é um ato e mostrar-se ao destinatário que está ao mesmo tempo sendo “visto” pelo remetente (FOUCAULT, 1992, p. 149-150). Nesse sentido, Elza analisa-se na escrita, e se mostra por meio das cartas, diante dos pais de determinadas formas, se analisa, omite e apresenta determinadas coisas do seu cotidiano recente, busca agradar os remetentes.

Contudo, parece que não se tratava somente de um costume, falar dos outros em vez de si, e não se tratava somente de falta de novidades. Como mulher, Elza foi educada a pensar e respeitar a família, esse era um importante espaço social no qual tinha liberdade e no qual deveria ter o cuidado sobre os membros. Essa prática, que inicia desde muito nova, se fortalece na idade adulta. Agora, ela mora mais próxima de familiares como seus avós,⁷ e em suas cartas demonstra sua preocupação com a dor de dente do marido, com a vovó que quer passear, etc.

Nesse ano, Elza passa a escrever sobre sua vida como esposa e as dificuldades do cuidado com a casa. Em carta enviada em 12 de setembro de 1925, afirma: “Eu ando louquinha de vontade de bordar, mas enquanto não encontro uma creada [sic]⁸ é difícil porque sempre tem uma cousa ou outra pra fazer.” Como

⁷ Os pais de Elza Bertaso residiram alguns anos em Bento Gonçalves pois ali moravam os pais de Zenaide Bertaso, avós de Elza. Após a formação da empresa colonizadora Bertaso é que os pais de Elza vão morar em Chapecó, mas seus avós permanecem.

⁸ Manteve-se a escrita original de Elza para não perder a expressão. “Creada” pode ser interpretado como criada/empregada doméstica.

afirmaram Maluf e Mott, as atividades manuais, costura e bordado, eram muitas vezes o pequeno espaço de expressão artística das mulheres, além de possibilitar uma ajuda financeira por meio da venda das produções (1998, p. 418). Nesse aspecto, a não disponibilidade naquele momento de uma empregada, mesmo sendo Elza uma mulher de elite, podia afetar umas das atividades do cuidado de si, como a costura. A carta aqui também pode ser percebida como suporte para a expressão de desejos, o desejo de Elza de bordar, mas que está limitado a outra atividade que a impede de satisfazer suas vontades.

É evidente também no trecho citado acima que a classe social em que ela vive contribui fortemente para um tipo específico de relação com a casa. Ao apresentar a possibilidade de ter uma empregada ajudando-a nos serviços domésticos, Elza vislumbra ter mais tempo para atividades prazerosas e no cuidado de si. Com ajuda de uma empregada seu tempo seria melhor organizado. Quanto a questão do cuidado, Elza expressa em sua carta de 07 de setembro de 1925: “Uma grande novidade: Paulo me deixou cortar o cabelo. Estou radiante”. Há aqui uma evidente indicação de submissão de Elza ao marido, do qual obtém permissão para cortar o cabelo. Nessa curta linha, ela expressa sua felicidade por isso, cortar o cabelo a “deixou radiante”, permitiu se sentir bonita, mas também ratifica sua obediência em relação ao esposo, assim retratado como bondoso para com ela.

Entre mãe e filha

Em 22 de abril de 1926, Elza Bertaso relata encontrar dificuldades para engravidar e assim escreve para sua mãe:

Quanto a mim o D. Tacchini disse que tenho útero muito torto e que enquanto não endireitar não melhorarei, mas que é melhor me fortificar um pouco antes de ser operada.

Esperarei por ti mas não quero absolutamente que papae atrapalhe seus negócios por isso porque não ha pressa, a não ser que elle queira um netinho quanto antes.

Apesar da dificuldade, Elza já sabe qual o tratamento e busca apoio da mãe para ajudá-la no pós-operatório. Deixa claro que se quiserem netos logo, teriam que tirar esse tempo para cuidar dela. Novamente vê-se aqui a expressão da consciência da expectativa da família além do apreço, mas também a obediência também em relação ao pai. Nesse sentido, suas cartas não somente informam como fazem parte de um jogo de dar satisfações, de mostrar o cumprimento de papéis sociais de gênero. A referência a sua saúde para ter filhos aparece em três cartas remetidas entre março e abril daquele ano, expressando assim, certa ansiedade de Elza para realizar o tratamento e conseguir engravidar, já que a família, como ela deixa entender, achava que estava na hora de trazer herdeiros.

Em 12 de setembro de 1927 Elza tem sua primeira filha, que recebe o nome de Maria Adelaide Pasquali (HIRSCH, 2005, p.103). Nesse ano, ela não remete nenhuma carta aos pais, pois estes estiveram com ela aguardando o nascimento da primeira neta.⁹ Em 23 de setembro de 1928 Elza teve seu segundo filho, o qual recebe o nome

⁹ É possível que haja mais cartas desse período, mas que não foram doadas para o CEOM junto com as outras, pois no livro de Maria Adelaide Pasquali Hirsch há uma citação de carta enviada pelo irmão

Alexandre Ernesto, em homenagem aos pais de Paulo e Elza. Durante os anos de 1927 e 1928, Elza não escreve cartas, mas de 1929 foram preservadas três e essas expressam brevemente as dificuldades, medos e o tempo que Elza passa a ter com a chegada dos filhos. Se antes o tempo para as atividades cotidianas da casa já impediam que Elza fizesse os trabalhos prazerosos como a costura, agora ela relata a dificuldade em encontrar tempo suficiente para escrever aos seus pais.

As linhas antes destinadas a falar sobre tios, primos e vizinhos, agora estão dedicadas a falar dos filhos, histórias as quais Elza se atenta em contar. A expressão de seus sentimentos está mais clara, ela não hesita falar das dificuldades em viajar sozinha com os filhos, ou mesmo em contar sobre as saudades que sente de seus pais. Teria tido Elza, agora, mais tempo de se aproximar à mãe e, portanto, maior segurança em se expressar nas cartas a ela? Devido ao tempo em que passaram juntas e da própria função de ser mãe, a relação entre elas aparentemente se estreitou, fortaleceu.

É interessante notar também dois pontos ao final das cartas de 1929. Para isso preciso voltar ao ano de 1914, quando Elza tinha apenas 9 anos de idade e morava temporariamente com seus avós. As cartas de Elza naquele ano possuíam rasuras, letra descuidada e Post Scriptum (P.S.). Essas características da sua escrita desapareceram a partir de 1915, especialmente os P.S., mas retornam nas cartas que se preservou de 1929.

de Elza, Serafim Bertaso, comemorando a chegada da sobrinha. Essa carta não consta nos arquivos do CEOM. (HIRSCH, 2005, p.104)

Imagem 1: Carta de Elza aos pais. 26 de abril de 1929

muitos abraços de
 Vossa filha
 Elza
 B.) Esquecia-me de
 dizer que recebi a rou-
 pa. Muito agradeço as
 lindas avental e calças
 zinho assim como o
 corte de vestido. Não po-
 daria passar sem mandar
 alguma coisa. Nunca po-
 derei agradecer bastante.
 Meu agradecimento são as
 orações que faço diariamen-
 te a Deus para que Ele
 vos dê todas as felicidades
 de que sois merecedores.
 (a mesma)

Fonte: Arquivo do CEOM

Na carta citada acima, Elza erra ao datar o ano em que escreve. Ao conferir com o livro biográfico escrito por Maria Adelaide Pasquali Hirsch, é possível verificar que apesar de Elza ter colocado a data de 26 de abril 1928, ela já escreve sobre seu filho Alexandre, o qual só viria a nascer em setembro de 1928. Logo, a data correta para a carta seria de 26 de abril de 1929, quando Alexandre teria 7 meses de idade. É nesses pequenos detalhes que se percebe a falta de tempo de Elza para reescrever suas cartas para que não houvesse *Post Scriptum*, ou o fato dela estar muito desconcentrada com a escrita que nem tão pouco percebeu seu erro.

Em relação ao tempo, mesmo que já tenha uma empregada trabalhando com ela, Elza deixa claro sua atenção para com os filhos, os quais se mostram, segundo ela, muito apegados à mãe. Maria Adelaide, que esteve doente, não deixava a mãe amamentar seu irmãozinho, atrapalhando muito uma atividade que deveria ser calma e de grande intimidade entre mãe e filho, como descrito na de 3 de janeiro de 1929:

Eu com a doença de Maria diminui dois kilos e meio; estou com 42!. Maria diminuiu, também, muito. Não imaginam como está magra e fraquinha, está com a temperatura de 35 e meio. Esteve doente uma semana quase sempre com 40° de febre. Chegou até a passar 4 linhas de 40°. Agora está num estado de “nervos” indescritível. Quer estar só comigo; não se dá com ninguém. Quando tenho que amamentar o Alexandre, chora, grita, se atira por todos os cantos; quando a agarro e se acalma está toda suada e sem voz. Além de tudo não quer comer nada, si continuar assim não melhorará mais.

Quando estava doente chamava sempre pela bóbó. Enfim, espero em Deus que isso não durará muito e ella melhore bem depressa. O Alexandre, pobrezinho, é muito bonzinho; come e dorme. Felizmente está bem gordo e forte; o doutor disse que acha que ele não pegará o maldito sarampo.

Por fim, Elza exprime na carta sua fé cristã e deixa suas esperanças da melhora da filha no seu Deus, tanto quanto a carta se tornou mais uma vez um espaço de demonstrar seus desejos, o desejo de ver a filha melhorar tanto em saúde quanto nas relações com outras pessoas. São em poucas linhas que Elza consegue manifestar seus sentimentos em relação aos filhos, por vezes diretas e por outras de forma mais subliminar.

Reflexões Finais

Ao chegar à vida adulta, Elza se encontra mais livre para escrever suas cartas da forma que preferir sem ser afetada pela escola. Suas cartas se tornam mais longas

e detalhadas e, às vezes, com menor apego a normas epistolares. Mas a vida adulta lhe trouxe também uma nova rotina, a doméstica, e obrigações. Especialmente ao se casar, percebe a dificuldade e o trabalho de cuidar de uma casa e de uma família. Isso se reflete de forma bastante perceptível na escrita de cartas a sua mãe, que até sua adolescência eram quase semanais. Contudo, ao se casar, esse volume de cartas parece reduzir.

Além disso, a aproximação e o maior tempo passado com a família possibilitaram certa liberdade de Elza na hora de escrever cartas. Contudo, sua “liberdade” era limitada aos padrões para os quais foi educada a ser. Como esposa, Elza deveria ser educada, amável, fiel e submissa ao marido. Como mãe, deveria dar conta do trabalho de educar e dar amor aos filhos. Quando escreve cartas, ela justifica quando não dá conta de todos os cuidados da casa, ou quando não dá conta de acalmar os ânimos dos filhos. As expectativas da família e sociedade sobre as mulheres de elites não eram poucas. Por isso, os limites para o aparecimento da sua individualidade e subjetividade nas cartas são grandes. São nos pequenos traços de justificativas, de relatos das atividades cotidianas, que é possível perceber os processos de subjetivação, de sujeição e as pequenas resistências da mulher Elza.

Elza abandona gradativamente algumas normas epistolares que seguiu durante anos na infância devido ao tempo e atenção que dá as cartas pois especialmente ao se tornar mãe, suas ocupações aumentam e dificultam a escrita de cartas como atividade cotidiana. Mas mesmo que tenha menos tempo para refletir

sobre suas experiências na escrita, ou mesmo de se comunicar com a família, Elza consegue refletir sobre seus sentimentos e angústias como mãe e esposa.

Referências:

Fontes:

BERTASO, Elza. Carta à mãe. Arquivo família Bertaso, correspondências; CEOM, CPFB 0038: (Centro de Memória do Oeste Catarinense, Chapecó-SC) 7 de setembro de 1925.

_____. Carta à mãe. Arquivo família Bertaso, correspondências; CEOM, CPFB 0039: (Centro de Memória do Oeste Catarinense, Chapecó-SC) 23 de maio de 1925.

_____. Carta à mãe. Arquivo família Bertaso, correspondências; CEOM, CPFB 0040: (Centro de Memória do Oeste Catarinense, Chapecó-SC) 06 de maio de 1925.

_____. Carta à mãe. Arquivo família Bertaso, correspondências; CEOM, CPFB 0043: (Centro de Memória do Oeste Catarinense, Chapecó-SC) 12 de agosto de 1925.

_____. Carta à mãe. Arquivo família Bertaso, correspondências; CEOM, CPFB 0073: (Centro de Memória do Oeste Catarinense, Chapecó-SC) 22 de abril de 1926.

_____. Carta à mãe. Arquivo família Bertaso, correspondências; CEOM, CPFB 0143: (Centro de Memória do Oeste Catarinense, Chapecó-SC) 26 de abril 1929.

_____. Carta à mãe. Arquivo família Bertaso, correspondências; CEOM, CPFB 0146: (Centro de Memória do Oeste Catarinense, Chapecó-SC) 3 de janeiro de 1929.

Bibliografia:

BOURDIEU, Pierre. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Org.). *Escritos de educação*. Petrópolis: Vozes, 1979.

CHARTIER, Roger. As Práticas de Escrita. In: ARIÈS, Philippe; DUBY, Georges. *História da Vida Privada 3: Da Renascença ao Século das Luzes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DIAZ, Brigitte. *O Gênero epistolar ou o pensamento nômade*. São Paulo: Edusp, 2016.

FIGUEIRA, Sérvulo. *Uma nova família? O moderno e o arcaico na família brasileira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade II: O uso dos prazeres*. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

GOMES, Angela de Castro. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: _____. *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

GÓMEZ, Antonio Castillo. “Como o polvo e o camaleão se transformam”: modelos e práticas epistolares na Espanha moderna. In: BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrytina Venancio (Org.). *Destinos das Letras: história, educação e escrita epistolar*. Passo Fundo: Upf, 2002.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HIRSCH, Maria A. P. *Ernesto Bertaso: de Verona a Chapecó*. Chapecó: Argos, 2005.

MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do mundo feminino. In: SEVCENKO, Nicolau et al (Org.). *História da Vida Privada no Brasil 3: República: da Belle époque à Era do Rádio*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SCHMIDT, Benito Bisso. Do que falamos quando empregamos o termo “subjetividade” na prática da história oral? In: LAVERDI, Robson; FROTSCHER, Méri; DUARTE, Geni; MONTYSUMA, Marcos; TORRES, Antonio (org.). *História oral, desigualdades e diferenças*. Recife; Florianópolis: Editora UFPE; Edufsc, 2012.

VICENZI, Renilda. Colonizadora Bertaso e a (des) ocupação no Oeste Catarinense. *Cadernos do CEOM*, Chapecó, v. 25, n. 19, p.301-318, 2006. Disponível em:

<<https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/issue/view/139/showToc>>.

Acesso em: 27 jan. 2020.

WENDLING, Isabel Schapuis. *O que diziam as crianças quando escreviam cartas: as construções de gênero na escrita dos irmãos Bertaso (1914 a 1929)*. 2018. 67 f.

TCC (Graduação) - Curso de História, Universidade Federal da Fronteira Sul,
Chapecó, 2018.